

AS NAVAS DE TOLOSA E A EXPANSÃO SENHORIAL DOS TELES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIII

Nuno Silva Campos*

A grande batalha das Navas fez pender para o lado cristão, decisivamente, o sucesso nas armas pela posse da península. Abertos os campos meridionais, seria uma questão de tempo até que para aí acorressem os exércitos dos reinos do Norte.

Alinhados ao lado de Afonso VIII, na batalha, encontravam-se os Teles¹, filhos do falecido magnate Telo Peres, e, tal como o pai, poderosos na Tierra de Campos e fieis apoiantes daquele rei: Afonso Teles, o mais velho e o líder familiar; Telo Teles, jovem bispo de Palência e grande impulsionador da campanha²; e Soeiro Teles, o mais novo dos irmãos.

Também para os Teles esta batalha é importante e parece, de certa forma, coincidir com uma viragem na estratégia de reprodução de poder dos seus membros mais destacados, designadamente dos líderes da linhagem, em concreto os senhores de Meneses, e que se prende com uma participação mais activa na guerra a sul e com a sua expansão senhorial para os territórios meridionais. Uma alteração que se vinha a esboçar pela altura da batalha e que se define nos anos seguintes. Com efeito, a batalha das Navas de Tolosa não só surge num

* CIDEHUS - Universidade de Évora.

1. Sobre esta família, nomeadamente sobre o seu percurso social e político ao longo dos séculos XII-XIV, veja-se Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles: uma linhagem entre Castela e Portugal na Idade Média (1161-1385)*, Tese de Doutoramento em História apresentada à Universidade de Évora, 2012. No tocante à presença dos três irmãos na batalha, cf. *ibidem*, p. 103.

2. Modesto Salcedo publicou uma cuidada biografia sobre D. Telo que constitui o melhor trabalho sobre este personagem. Cf. “Vida de don Tello Téllez de Meneses, Obispo de Palencia”, *Publicaciones de la Institución Tello Téllez de Meneses*, 53 (1985), pp. 79-266. Sobre o seu papel na preparação da batalha, nomeadamente na recolha de fundos, cf. pp. 144-150.

momento em que parece acontecer essa viragem estratégica da política familiar como terá mesmo contribuído para tal.

Nas páginas seguintes tentar-se-á sintetizar os percursos políticos dos senhores de Meneses nos anos anteriores e posteriores à batalha das Navas, que permitem traçar um quadro onde se percebe, creio, essa alteração estratégica.

1. TELO PERES E A TIERRA DE CAMPOS

Como referi, o pai dos Teles presentes nas Navas é Telo Peres, que emerge como figura destacada em Castela no reinado de Afonso VIII. Rico-homem, descendente da velha nobreza condal de Leão e Castela³, era poderoso na zona sul da Tierra de Campos, sobretudo na área de Meneses de Campos e no vale do Cea, na zona ocidental do reino castelhano, contígua a Leão⁴. Apesar de mais preocupado com a defesa dos seus interesses na fronteira castelhana junto a Leão⁵, e

3. Designadamente os Beni Gomez e os Alfonso. Cf. Modesto SALCEDO, “Vida de don Tello Téllez”..., pp. 55-57; Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII*, vol. I, Madrid, Escuela de Estudios Medievales, 1960, p. 338; Martínez SOPENA, *La Tierra de Campos Occidental: poblamiento, poder y comunidad del siglo X al XIII*, Valladolid, Institución Cultural Simancas, 1985, pp. 391-393 e Vicente ÁLVAREZ PALENZUELA, “La nobleza del reino de León en la Alta Edad Media”, *El Reino de León en la Alta Edad Media*, León, Centro de Estudios e Investigación “San Isidoro”, 1995, pp. 148-329, designadamente a p. 272.

Estas famílias estavam fortemente implantadas na Tierra de Campos, numa longa faixa entre os vales dos rios Cea e Pisuerga e que se estendia desde Saldanha até perto de Valladolid. Cf. Margarita TORRES SEVILLA - QUIÑONES DE LEÓN, *Linajes nobiliários de León y Castilla. Siglos IX-XIII*, s.l., Junta de Castilla y León, 1999, pp. pp. 236-274, pp. 274-282 e 355-356, e MARTINEZ SOPENA, “Parentesco y poder en León durante el siglo XI: La ‘casata’ de Alfonso Díaz”, *Studia Historica. Historia Medieval*, 5 (1987), pp. 33-34, 54-56 e 80. Sobre a nobreza na Tierra de Campos, incluindo os Teles, cf. ainda, além das obras citadas atrás, Carlos Manuel REGLERO DE LA FUENTE, *Espacio y poder en la Castilla medieval: los montes de Torozos (siglos X-XIV)*, Valladolid, Diputación Provincial de Valladolid, 1994; e Andrés BARÓN FARALDO, *Grupos y dominios aristocráticos en la Tierra de Campos oriental: siglos X-XIII*, Palencia, Diputación Provincial de Palencia, 2006.

4. No fundo, mantinha na área a influência que os seus antepassados já aí gozavam. Um arrolamento dos senhorios conhecidos de Telo Peres nesta área pode ser visto em Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles...*, pp. 347-352.

5. Além dos vários domínios, sabe-se que foi ainda tenente de Cea entre 1166 e 1194, da Cantábria entre 1182 e 1184, de Melgar em 1189 e de Grajal em 1194 (cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles...*, p. 72). A sólida ligação a Afonso VIII, de cuja cúria era assíduo participante, fez ainda com que Telo Peres, com o patrocínio e apoio do rei, e no âmbito de uma política favorável ao fortalecimento do poder de ambos na Tierra de Campos, alvo de disputas com Leão, instituisse o mosteiro cisterciense de Matallana em Dezembro de 1175 (cf. Luis FERNÁNDEZ, “Collección Diplomática del Monasterio de Santa Maria de Matallana”, *Hispania Sacra*, XXV (1972), pp. 391-435, doc. 6); refundasse o mosteiro de Trianos, de origem beneditina, em 15 de Novembro de 1181 (cf. Josefa de la FUENTE CRESPO, *Colección documental del Monasterio de Trianos (1111-1520)*, León, Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro»/Caja España de Inversiones/Archivo Histórico Diocesano de León,

sendo um regular e destacado membro da corte de Afonso VIII⁶, Telo Peres participou com relevo em algumas expedições na guerra a sul e detivera aí alguns interesses que, todavia, acabou por alienar.

Em 1172, acorrera com o rei no socorro a Huete⁷, e no ano seguinte, pelos seus serviços, Afonso VIII doava-lhe perpetuamente metade de Ocaña⁸, bastante longe da sua zona de implantação senhorial original. Terá sido precisamente esta circunstância que o levou a doar esta terra à Ordem de Calatrava logo nos anos seguintes⁹. No ano de 1177 Telo Peres ganhava maior prestígio no cerco de Cuenca: terá mesmo sido o comandante do longo assédio enquanto lugar-tenente do rei e um dos combatentes que na noite de 20 para 21 de Setembro se infiltraram na fortaleza, permitindo assim a sua tomada¹⁰. Também nesta região iria receber de Afonso VIII algumas terras, cuja grande maioria pronto doou à Ordem de Santiago¹¹.

De facto, Telo Peres parece não ter grande interesse em manter as terras que o rei lhe doava e que se situavam bastante longe da Tierra de Campos. Algo que se compreende, pois poderia entender a defesa daqueles domínios como bastante complicada. Assim, mais preocupado com os domínios na sua zona de origem, entregava-os às Ordens Militares, melhor preparadas para tal função. Daí que em 1181 tenha cedido a Afonso VIII o castelo de Malagón, a uns 80 km a sul de Toledo –que detinha desde data desconhecida, mas certamente por doação

2000, doc. 18 e Susana ROYER DE CARDINAL, “El monasterio leonés de Santa María de Trianos y su articulación con otras instancias eclesiásticas (s. XII-XV)”, *Hispania Sacra*, 119 (Janeiro-Junho de 2007), p. 8); e fundasse o Hospital de San Nicolás, subsidiário de Trianos, em 26 de Janeiro de 1183 (cf. Josefa de la FUENTE CRESPO, *Colección documental del Monasterio de Trianos...*, doc. 59).

6. Confirma pela primeira vez um diploma régio a 27 de Março de 1168 (cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...*, vol. III, doc. 103) e o último a 4 de Maio de 1193 (cf. *ibidem*, doc. 615), sendo que o período de presença mais intensa na corte se situa entre 1168 e 1179.

7. Cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles...*, p. 65.

8. Cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...*, vol. III, doc. 179. O diploma é datado de 11 de Abril de 1173. A outra metade de Ocaña era doada a Pedro Guterres, da família Girón, com quem os Teles estabeleceriam sólidas ligações nos anos seguintes.

9. A 15 de Fevereiro de 1174, com o beneplácito régio, Telo Peres e Pedro Guterres doavam a quarta parte de Ocaña, com todos os seus direitos e pertenças tal como a haviam recebido, à Ordem de Calatrava e ao seu Mestre, Martim Peres de Siones (cf. *Biblioteca da Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro*, vol. D-16, fl. 45). Três anos depois, em Janeiro de 1177, estando no cerco de Cuenca, Telo Peres doava à mesma Ordem a parte de Ocaña que ainda mantinha (cf. *Ibidem*).

10. Cf. Juan Pablo MÁRTIR RIZO, *Historia de la Muy Noble y Leal Ciudad de Cuenca*, Madrid, 1629, p 35 e Trifón MUÑOZ Y SOLIVA, *Historia de la muy Noble, Leal é Impertérrita Ciudad de Cuenca, y del territorio de su provincia y obispado, desde los tiempos primitivos hasta la edad presente*, 1^o vol., Cuenca, Imprensa de el Eco, 1866, p. 586.

11. Cf. Antonii Francisci AGUADO DE CORDOVA (org.), *Bullarium equestris ordinis S. Iacobi de Spatha*, Madrid, Tipografia de João de Ariztia, 1719, pp. 26-27. Telo Peres doava todas as propriedades recebidas de Afonso VIII naquela cidade, excepto Portella.

régia pelo mesmo Afonso VIII, que agora o reavia-, em troca de vários domínios e direitos, sobretudo em Campos e outros, menos significativos, perto de Ocaña e Cuenca¹².

Com efeito, apesar de participar nas operações da Reconquista, de aí ganhar renome pelos feitos de armas e até de manter ténues interesses a sul, os seus principais interesses mantinham-se na Tierra de Campos. Uma área que, sublinhe-se, era uma zona de fulcral importância estratégica para Castela, sendo arduamente disputada por Leão desde a divisão dos reinos após a morte de Afonso VII¹³. Ora, é sobretudo nesta zona que encontramos Telo Peres nas últimas duas décadas do século XII¹⁴, um período em que se verificam vários confrontos com Leão e que exigem a sua presença. Um período onde a sucessão da liderança familiar de Telo Peres para Afonso Teles foi lentamente preparada e que daria origem a uma nova abordagem estratégica familiar.

2. AFONSO TELES E A EXPANSÃO PARA SUL

Também Afonso Teles construirá o seu prestígio e poder a partir de Campos, região onde detém várias tenências desde 1182¹⁵, e da corte de Afonso VIII, que começa a frequentar assiduamente desde 1191¹⁶, sendo aí, de certa forma, em vida do pai e na ausência deste, o representante da linhagem. É na corte castelhana e na Tierra de Campos que assenta o seu poder, mas, ao contrário do pai, que, após alguns episódios na guerra contra os muçulmanos passara os últimos anos de vida nas suas possessões junto a Leão, Afonso Teles fará o contrário, e

12. Cf. cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...*, vol. III, doc. 354.

13. Cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles...*, pp. 59-63 e 68-72 e Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...*, vol. III, pp. 663-760.

14. A partir de 1179 Telo Peres começa a surgir com menor frequência nos diplomas régios, ao contrário do que tinha acontecido até então. A tensão crescente junto à fronteira leonesa (cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...cit*, vol. III, 1º vol., pp. 688 et passim) certamente que exigia de si, fiel apoiante de Afonso VIII, uma presença mais intensa na Tierra de Campos. Apenas surge a confirmar documentos de significado relevante, o que é revelador do seu prestígio, como os tratados de Medina de Rioseco, a 21 de Março de 1181; de Fresno-Lavandera, a 1 de Junho de 1183, ambos com Leão; de Agreda, a 21 de Janeiro de 1186; e o de Berdejo, a 5 de Outubro do mesmo ano, os dois com Aragão (cf. *ibidem*, docs. 362, 407, 449 e 160, respectivamente). Após estas datas apenas testemunhará quatro outros diplomas, datados de 30 de Março de 1188, 22 de Março de 1190, 4 de Maio de 1193 e 31 de Março de 1196 (cf. *ibidem*, docs. 495, 546, 615 e 653).

15. A lista de tenências que Afonso Teles detém ao longo da vida é impressionante. Na zona ocidental da Tierra de Campos sabe-se que foi tenente de Cea (1182-1210), Grajal (1193-1210), Carrión (1191-1202), Melgar (1191-1193) e Mayorga (1197-1200); na região vallisoletana foi tenente de Cabezón (1192-1201), Portillo (1201), Tudela (1201-1203), Medina de Rioseco (1202) e Montealegre (1202). Para todos os dados, cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles...*, p. 93-99.

16. Testemunha pela primeira vez um documento régio a 17 de Setembro de 1191 (cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...*, vol. III, doc. 1026).

será entre 1210 e 1230, ano em que morre, que conhecerá notoriedade na guerra a sul¹⁷. Ou seja, nos anos imediatamente precedentes e nas décadas seguintes às Navas. Não desconhecia, porém, os campos de batalha em momentos anteriores. Terá estado em Alarcos, em 1195¹⁸, participou nas disputas com Leão no ano subsequente¹⁹ e na expedição contra Navarra em 1198²⁰.

O rei, pelo seu constante apoio nos anos subsequentes ao desastre de Alarcos, doa-lhe em 1209 a vila de Montalbán com os seus termos, a oeste de Toledo²¹. Mas aqui, ao contrário da política que o pai seguira e que o levava a trocar ou a ceder as terras que lhe eram doadas na fronteira a sul, longe da Tierra de Campos, Afonso Teles decide manter Montalbán, eventualmente empenhado em promover o povoamento e defesa da região e em deter uma base de operações para lançar ataques aos territórios muçulmanos²². Ataques que podiam começar a ter lugar logo a partir do ano seguinte, em 1210²³, quando terminavam as tréguas com os muçulmanos, assinadas no Verão de 1197²⁴. Curiosamente, data precisamente de 1210 o início de um período de maior envolvimento de Afonso Teles nos palcos meridionais.

Enquanto Afonso VIII corria as terras de Baeza, Andújar e Jaén e se dirigia para território murciano²⁵, Afonso Teles, com Rodrigo Rodrigues Girón, cunhados pelo casamento do primeiro com uma irmã do segundo, assediavam a torre de Guadalerza, tomando-a pela força com a ajuda de máquinas de guerra, o que

17. Que corresponde também ao período em que deixa de ocupar as tenências em Campos, designadamente de Cea e de Grajal, na zona de implantação tradicional da família. Cf. nota nº 15.

18. Cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles...*, p. 99.

19. cf. cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...*, vol. I, pp. 717-722.

20. Cf. Luis Javier Fortún PÉREZ DE CIRIZA, “La quiebra de la soberanía navarra en Álava, Guipúzcoa y el Duranguesado (1199-1200)”, *RIEV. Revista Internacional de los Estudios Vascos*, 45 – 2 (2000), pp. 439-494 e Jon Andoni FERNÁNDEZ DE LARREA ROJAS, “La conquista castellana de Álava, Guipúzcoa y el Duranguesado (1199 y 1200)”, *RIEV. Revista Internacional de los Estudios Vascos*, 45 – 2 (2000), p. 431.

21. Segundo a escritura de cedência de Montalbán, «*pro multis et grátis serviciis que mihi Diu et fideliter exhibuistis et quotidie exhibere non cessatis*» Cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...*, vol. III, doc. 837.

22. Às terras indicadas na carta de doação, com todas as suas pertenças, e limites relativamente definidos, somava-se todas aquelas que conseguisse tomar aos muçulmanos: «*et deinde usque ad Paganos quantum potueritis acquirere*».

23. É possível que se tenham iniciado os confrontos antes mesmo de as tréguas terem chegado ao seu fim. Cf. Francisco GARCÍA FITZ, *Relaciones políticas y guerra. La experiencia castellano-leonesa frente al Islam. Siglos XI-XIII*, Universidade de Sevilla, 2002, p. 142.

24. Cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...cit*, vol. I, p. 722.

25. Cf. Rodrigo JIMÉNEZ DE RADA, *Historia de los hechos de España [De Rebus Hispaniae]*, trad de Juan Fernandez Valverde, Madrid, Alianza editorial, 1989, p. 304.

demonstra que não se tratava de uma mera cavalgada²⁶. Talvez como recompensa pela conquista da torre de Guadalerza, Afonso VIII doa-lhe, ainda em 1210, novos domínios próximos de Montalbán, nos Montes de Toledo: a aldeia de Dos Hermanas e a torre de Malamoneda²⁷. Mais uma vez, Afonso Teles não se iria desfazer destas terras, o que sugere uma nova abordagem ao nível da rentabilização das doações régias.

Passados dois anos, teria lugar a grande batalha das Navas de Tolosa, onde Afonso Teles e os irmãos se encontravam. E que teve o desfecho que se conhece. Um desfecho bastante animador para Afonso Teles, devido ao facto de deter algumas terras nos Montes de Toledo. Daqueles castelos tinha importantes bases para lançar ataques para sul, onde agora se poderia encontrar uma menor resistência, podendo assim expandir os seus domínios. Certo é que Afonso Teles parece decidido a manter aqueles territórios, pois nos anos subsequentes às doações de Dos Hermanas e Malamoneda mandou erguer um castelo nesta última localidade, complemento da torre já existente²⁸. Decidiu ainda erigir o castelo de Cedenilla, perto de Navahermosa²⁹. Também por sua iniciativa, terá ainda tomado e reocupado o castelo de Muro, na serra de Muro³⁰.

Apesar do empenho na repovoação e defesa dos territórios, certamente com o objectivo de também desenvolver, a partir daí, expedições militares, Afonso Teles verá as suas expectativas defraudadas. Logo em Fevereiro de 1214, a falta de víveres para desenvolver novas expedições e a fome que grassava no reino obrigavam Afonso VIII a assinar umas tréguas de sete anos com os muçulmanos³¹, que seriam renovadas em 1221, já com Fernando III no trono castelhano, por mais três anos, estendendo-se até 1224³².

26. Cf. *Crónica Latina de los Reyes de Castilla*, intr. e trad. de Luis Charlo Brea, Cadiz, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cadiz, 1984, p. 23.

27. A fórmula de doação é semelhante à de Montalbán, estimulando o repovoamento e novas conquistas. Cf. Julio GONZÁLEZ, *El reino de Castilla en la época de Alfonso VIII...cit.*, vol. III, doc. 837.

28. Cf. Julio GONZALEZ, *Repoblación de Castilla la Nueva*, 1º vol., Madrid, Universidad Complutense, 1975, p. 323.

29. Cf. Jean-Pierre MOLENAT, *Campagnes et monts de Tolède du XIIIe au XVe siècle*, Madrid, Casa de Velázquez, 1997, p. 241.

30. Julio Gonzalez diz que é construção a mando de Afonso Teles (cf. *Repoblación de Castilla...*, p. 323), mas Jean-Pierre Molénat adianta que o castelo já é mencionado no século XI em textos muçulmanos (cf. *Campagnes et monts de Tolède...*, p. 224).

31. Cf. Rodrigo JIMÉNEZ DE RADA, *Historia de los hechos de España...*, pp. 327-328. As pazes também eram pretendidas pelos muçulmanos, pois Anasir, vencido nas Navas, falecera em Dezembro de 1213, sendo aclamado Almustansir bi-llah, que estava agora mais interessado em consolidar o seu poder nos seus domínios (cf. Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III*, 1º vol., Córdoba, Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Cordoba, 1980, pp. 278-279).

32. Cf. Gonzalo MARTÍNEZ DIEZ, *Fernando III. 1217-1252*, Palência, La Olmeda – Diputación Provincial, 1993, pp. 63-65, e Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 1º vol., pp. 278-291.

Além disso, a morte de Afonso VIII, ainda em 1214, dava origem a um período conturbado que apenas termina poucos meses depois da subida ao trono de Fernando III, subida essa para a qual os Teles muito contribuíram³³. Ora estes dois factores, as tréguas na fronteira castelhana e os acontecimentos que se vivem em Castela durante a menoridade de Henrique I e a elevação de Fernando III, farão com que Afonso Teles se afaste da fronteira sul.

Em 1218 a situação política em Castela já é estável. Contudo, o avanço por conquista na fronteira castelhana está suspenso pela vigência das tréguas. Tréguas que não se estendem aos outros reinos. É precisamente neste ano que Afonso Teles se terá apoderado de Albuquerque, a norte de Badajoz, na zona de expansão leonesa, eventualmente com o apoio dos cavaleiros de Santiago e de Calatrava³⁴. Tratou-se de uma operação que iria ter uma profunda influência no futuro de um ramo familiar, pois Albuquerque iria assumir-se como o referencial simbólico de um dos ramos da linhagem, os senhores de Albuquerque, que tomariam o nome deste senhorio como seu sobrenome³⁵.

Mas Albuquerque tornou-se num esforço considerável para Afonso Teles, pois a sua manutenção era bastante exigente. Seria certamente um elevado esforço financeiro para Afonso Teles manter várias praças preparadas para a guerra, como as que tinha nos montes de Toledo e ainda Albuquerque. Talvez assim se perceba que em 1222 decida vender ao arcebispo e catedral de Toledo os castelos de Malamedia, Cedenilla, Dos Hermanas e Muro com os seus termos, direitos e pertenças, reservando-se contudo os direitos de pastagem³⁶. É provável que, sentindo dificuldades, optasse por alienar as fortalezas que considerava menos vantajosas, que seriam as dos Montes de Toledo. Terá eventualmente vendido estes domínios porque as tréguas com os muçulmanos se mantinham válidas –tinham sido renovadas por 3 anos em 1221– e que por isso a guerra, neste período e nesta área, não constituía uma fonte de rendimento regular, ao contrário do que poderia suceder através de Albuquerque, na fronteira leonesa. Na medida em que escolhe vender as fortalezas da fronteira castelhana e manter aquela que se localizava numa frente militar activa, é bastante crível tencionasse fazer a guerra contra os muçulmanos.

Em 1224 terminavam as tréguas com os muçulmanos e Fernando III, com grande apoio da aristocracia do reino, decidiu pela sua não renovação³⁷. Nesse mesmo ano uma larga hoste sob o comando de Lopo Díaz de Haro, Gonçalo

33. Cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles... cit.*, pp. 105-114.

34. Cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles... cit.*, pp. 117-118.

35. É deste ramo que descendem os Teles portugueses, poderosos nos reinados de D. Pedro I e D. Fernando.

36. Cf. *Biblioteca da Real Academia de la Historia, Colección Salazar y Castro*, maço D-16, fls. 56 e 57.

37. Cf. *Crónica Latina...*, p. 61 e Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 1^a vol., pp. 292-293.

Rodríguez Girón e Afonso Teles corria terras muçulmanas tomando Quesada (cerca de 80km a Este de Jaén) e outras terras próximas³⁸. Afonso Teles desenvolvia com afinco a guerra contra os muçulmanos com os seus próprios homens e no ano seguinte, em Junho ou Agosto de 1225, unindo-os às forças concelhias de Cuenca, Huete, Moya e Alarcón, lideradas pelo bispo de Cuenca, entrava nas terras murcianas e tomava o castelo de Aliaguilla, perto de Mira, em cuja reconstrução e repovoamento muito se empenhou³⁹.

De facto, nos últimos anos de vida a presença de Afonso Teles na fronteira a sul foi bastante intensa. A 5 de Abril de 1226 fundava um hospital de redenção de cativos em Talavera⁴⁰; no ano seguinte, participava no socorro a Martos, onde o seu filho, Telo Afonso, estava cercado⁴¹; e em 1230, ano da sua morte, ainda se podia encontrar no cerco de Jaén⁴².

Não descuidando, obviamente, os seus interesses em Campos, Afonso Teles adoptou uma política bem diferente da seguida pelo pai, investindo significativamente na guerra a sul. Aí, não ganhava apenas fama guerreira. Investia elevados recursos humanos e materiais não apenas para lançar expedições militares mas também para tomar território, ocupá-lo, defendê-lo e povoá-lo. Tinha como objectivo perfeitamente visível, estabelecer-se senhorialmente em novas regiões, mais a sul, longe da sua zona de implantação senhorial, a Tierra de Campos. O resultado das Navas foi decisivo e tornou-se um forte incentivo para que olhasse com maior atenção para os territórios muçulmanos, que se vislumbravam como extremamente aliciantes.

3. TELO AFONSO E AFONSO TELES DE CÓRDOVA – O SUL COMO REFERÊNCIA

Os filhos de Afonso Teles que lhe sucedem na liderança da linhagem –Telo Afonso e Afonso Teles *de Córdoba*– iriam manter a mesma aposta do pai. Ainda em vida de Afonso Teles, Telo Afonso, o mais velho, iria conseguir elevado renome nos campos de batalha meridionais, numa série de episódios militares.

38. Cf. *Crónica Latina...*, p. 301.

39. Cf. *Crónica Latina...*, p. 68. Para a reconstrução e repovoamento do castelo conseguiu a ajuda do arcebispo de Toledo, D. Rodrigo Ximenes de Rada, que 7 de Setembro desse mesmo ano concedia a quem fosse trabalhar naquele castelo durante um mês indulgência idêntica à dos combatentes contra os infiéis (Cf. Antonii Francisci AGUADO DE CORDOVA (org.), *Bullarium equestres...*, pp. 85-86: «qui ad fabricam dicti Castri per vnum mensem operam dederint, indulgemus eadem remissionem, quam concedimus militantibus contra Mauros»).

40. Cf. Antonii Francisci AGUADO DE CORDOVA (org.), *Bullarium equestres...*, p. 86.

41. Cf. *Crónica de veinte reyes*, coord. de César Hernández Alonso, Burgos, Ayuntamiento de Burgos, 1991, p. 303 e Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 1ª vol., pp. 307-308.

42. Cf. Rodrigo JIMÉNEZ DE RADA, *Historia de los hechos de España...*, p. 347, e *Crónica de veinte reyes...*, p. 304.

Acompanhou Álvaro Peres de Castro em 1226 às regiões de Baeza, Andújar e Martos, em mãos castelhanas desde o ano anterior, para extinguir levantamentos muçulmanos⁴³. E iria destacar-se em Martos em 1227, numa famosa investida no âmbito da defesa da vila⁴⁴. Em 1231, já depois de o seu pai ter falecido e de ter assumido a liderança da família na corte de Fernando III⁴⁵, Telo Afonso partia com o mesmo Álvaro Peres de Castro e o jovem infante D. Afonso, futuro Afonso X, numa cavalgada que, desde Andújar, correu terras de Córdoba, Palma del Rio, Sevilla, Jerez e Guadalete, onde finalmente os cristãos acamparam e de onde lançaram mais razias⁴⁶. O seu prestígio nas lides seria considerável e permaneceria na memória, tendo o Conde D. Pedro, no seu Livro de Linhagens, registado com pormenor um episódio no qual Telo Afonso lutara com os filhos de Escalholá, de perto de Arjona, os melhores cavaleiros mouros daquele tempo. O recontro entre as duas partes, que tinham uma centena de cavaleiros cada, durara todo o dia e resultou num empate, após morte de cavalos e ruína das armas⁴⁷.

Era por isso um cavaleiro experimentado, apesar de ainda jovem, quando, em 1236, acompanha Fernando III na tomada de Córdoba⁴⁸, e é incumbido, com o seu irmão Afonso Teles –que eventualmente o havia acompanhado pelos campos de batalha, embora não haja sobre estes factos informação clara– da defesa desta importante cidade⁴⁹. Receberam ambos, claro está, algumas doações no termo da mesma⁵⁰.

Todavia, Telo Afonso não teria muito mais tempo para acrescentar o seu prestígio. A sua morte precoce, em 1238⁵¹, fará com que Afonso Teles, o seu irmão mais novo e parceiro nas armas e na defesa de Córdoba, se torne então no

43. Cf. Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 1ª vol., p. 307 e Gonzalo MARTÍNEZ DIEZ, *Fernando III...*, p. 86.

44. Cf. *Crónica de veinte reyes...*, pp. 303 e 320-321; e *Primera Cronica General*, tomo II, pp. 737-739.

45. Confirma regularmente diplomas reais entre 6 de Janeiro de 1228 e 15 de Março de 1238 (Cf. Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 3ª vol., docs. 229 e 620, respectivamente), o que denuncia uma presença frequente na corte. Terá falecido pouco depois da última data, pois não confirma mais documentos.

46. Para toda a expedição, cf. *Crónica de veinte reyes...*, p. 309.

47. Cf. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, pub. em *Portugaliae Monumenta Historica. Nova série*, ed. José Matoso e Joseph M. Piel, vol. II (*Livro de linhagens do Conde D. Pedro*), 2 tomos, Lisboa, Academia das Ciências, 1980, 15B3.

48. Cf. Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 1ª vol., p. 327 e *Crónica Latina...*, p. 96.

49. *Crónica Latina...*, p. 102.

50. Sobre os herdamentos dos dois irmãos, cf. Rafael Fernández GONZÁLEZ, “Los hermanos Tellez de Meneses primeros alcaides de Córdoba en el siglo XIII”, *Boletín de la Real Academia de Córdoba*, 92 (1972), pp. 93-126.

51. Segundo Julio Gonzalez, o seu desaparecimento teria ocorrido antes de 19 de Março de 1238. Cf. *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 1ª vol., p. 165.

líder dos Teles⁵². Afonso Teles seria mais tarde designado nos livros de linhagens como Afonso Teles *de Córdoba*⁵³, apesar de nunca ser conhecido com tal em vida, o que demonstra bem a sua identificação com a cidade de que fora defensor e a sua ligação às terras do sul. Porque o cenário de actuação privilegiado dos membros da família, designadamente dos seus líderes, tinha-se deslocado definitivamente para sul.

E Afonso Teles continua a desenvolver, tal como os seus antecessores, e mais para além da defesa de Córdoba, uma intensa actividade guerreira. Em 1244 acompanha o infante D. Afonso na expedição ao reino de Múrcia⁵⁴; no ano seguinte encontra-se no cerco de Jaén⁵⁵; e 1247 estava no cerco de Sevilha, onde ganhou bastante destaque. Aí, conjuntamente com Fernando Peres de Lima e Rodrigo Froilaz, comandava uma força militar de intervenção rápida, armando ciladas e ocorrendo a várias situações mais prementes⁵⁶. Depois da tomada de Sevilha, foi um dos beneficiados com um largo herdamento no repartimento da cidade⁵⁷ de que, ao que sabe, nunca se desfez. Afonso Teles permanecerá na corte em Sevilha ao longo dos anos seguintes, confirmando a grande totalidade dos documentos de Fernando III e, depois do falecimento deste, de Afonso X. Será uma presença regular na corte do Sábio até à sua morte, ocorrida certamente por volta dos últimos meses de 1268, pois subscreve diplomas régios pela última vez a 9 de Outubro desse mesmo ano⁵⁸.

Saliente-se, todavia, que a intensa presença dos dois irmãos no sul peninsular não significa que os interesses em outras áreas, designadamente na Tierra de Campos, fossem ignorados. Sabe-se que Telo Afonso tem as terras de Cea e

52. E ocupará desde logo na corte o lugar destacado a que o líder de uma linhagem como os Teles tinha direito, passando a ser arrolado na lista de confirmantes dos diplomas régios. O primeiro documento de Fernando III que confirma data de 7 de Julho de 1238 (cf. Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 3º vol, doc. 625).

53. Cf. *Livro de Linhagens do Deão*, pub. em *Portugaliae Monumenta Historica. Nova série*, ed. José Mato-so e Joseph M. Piel, vol. I (Livros velhos de linhagens), Lisboa, Academia das Ciências, 1980, 6AY6-8 e *Livro de Linhagens...*, 13A4, 13B6, 21A9-10, 33F3, 57A1-2.

54. Cf. Jerónimo ZURITA, “Anales de Aragón”, *Anales de Aragón [versión electrónica]*, ed. de Ángel Canellas López, ed. electrónica de José Javier Iso (coord.), María Isabel Yagüe y Pilar Rivero, 2003, Instituto Fernando El Católico, consultado em 26-12-2-2012, URL: <http://ifc.dpz.es/publicaciones/ebooks/id/2448>, vol. I, liv. III, cap. XLI, p. 269.

55. Cf. Julio GONZÁLEZ, *Reinado y Diplomas de Fernando III...*, 3º vol., doc. 728.

56. Cf. *Primera crónica general de España*, ed. Ramón Menéndez Pidal, com estudo de Diego Catalán, tomo II, Madrid, Editorial Gredos, 1977, pp. 750-764 e Lucas de TUY, *Crónica de España*, 1ª ed. do texto romaneado preparada e prologada por Julio Puyol, Madrid, Tip. da Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos, 1926, p. 433.

57. Julio González, *Repartimiento de Sevilla*, 2º vol., Sevilla, Ayuntamiento de Sevilla, 1998, pp. 22 e 230.

58. Cf. Manuel GONZÁLEZ JIMÉNEZ (ed.), *Diplomatário Andaluz de Alfonso X*, Sevilla, El Monte – Caja de Huelva y Sevilla, 1991, doc. 352.

de Grajal desde 1223⁵⁹ e terá sido tenente das mesmas durante toda a sua vida, pois em Setembro de 1237, poucos meses antes da sua morte, ainda assim surge mencionado⁶⁰. O mesmo sucede com Afonso Teles de Córdoba, que lhe sucede e detém as mesmas tenências desde Maio de 1238⁶¹ até falecer⁶². Além disso, Afonso Teles de Córdoba continuou a apoiar as casas religiosas fundadas pelo pai e avô⁶³.

CONCLUSÃO

Tecendo-se sobre o atrás escrito algumas conclusões, é inegável que houve, com Afonso Teles e com os seus dois filhos maiores, uma expansão senhorial para sul, algo que nunca parece ter sido objectivo de Telo Peres, o fundador da linhagem. Uma expansão que, no fundo, acompanha o avanço dos reinos cristãos sobre os seus homólogos muçulmanos e que só é possível com as Navas, sucesso militar que se revelou muito favorável à actuação política da família, que, a determinada altura, aposta numa enérgica actividade militar contra os muçulmanos.

As Navas surgem num momento em que parece acontecer uma viragem estratégica da política familiar e terão contribuído para tal. É necessário sublinhar que durante a liderança familiar de Telo Peres se verificou uma fervorosa disputa dos territórios fronteiros de Castela por parte dos reis leoneses, designadamente a Tierra de Campos. Sendo aquele um dos poderosos na região e dos fiéis de Afonso VIII, não teve azo a que pudesse afrouxar a vigilância sobre o território, daí que a sua aposta passasse, como seria óbvio, pela defesa dos interesses em Campos e por uma maior presença nesta região, alienando os domínios a sul que lhe foram outorgados pelo rei. Mas esta é uma situação que se altera no século seguinte, a partir dos anos anteriores à batalha das Navas de Tolosa, onde, apesar da tensão sempre presente, há um aligeirar nas relações entre Castela e Leão.

59. Cf. Josefa de la FUENTE CRESPO, *Colección documental del Monasterio de Trianos...*, doc. 98.

60. É apontado pela última vez como tenente de Grajal em Junho de 1237 e como tenente de Cea em Setembro do mesmo ano. Cf. Josefa de la FUENTE CRESPO, *Colección documental del Monasterio de Trianos...*, doc. 132 e Taurino BURÓN CASTRO, *Colección documental del Monasterio de Gradefes*, 2 vols., León, Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro», 1998-2000. doc. 458.

61. Cf. Josefa de la FUENTE CRESPO, *Colección documental del Monasterio de Triano...*, doc. 133, de Maio de 1238.

62. A última menção neste sentido data de três cartas de Abril de 1264 (cf. AA.VV., *Colección diplomática del Monasterio de Sahagún (857-1500)*, 4º vol, Centro de Estudios e Investigación «San Isidoro»/Caja España de Inversiones, Caja de España y Monte de Piedad/Archivo Histórico Diocesano de León, León, 1988, vol. IV, docs. 1796, 1797 e 1798), quatro anos antes do seu falecimento.

63. Cf. Nuno Miguel Silva CAMPOS, *Os Teles... cit.*, pp. 159-160.

A oportunidade é aproveitada por Afonso Teles, que desencadeia, na maior parte das vezes com meios próprios, uma intensa actividade guerreira na fronteira muçulmana, conseguido ser agraciado pelo rei com alguns senhorios nessa região. E, ao contrário do que o pai fizera, mantém, defende e povoa esses domínios, ou pelo menos os que lhe permitem continuar a desenvolver a guerra, que leva não apenas à fronteira castelhana como ainda à leonesa, como no caso da tomada de Albuquerque. Os filhos serão figuras de destaque nos anos das grandes conquistas, no reinado de Fernando III, ganhando fama e proveito nos campos andaluzes e estabelecendo aí significativos interesses.

Não obstante, não se trata meramente de acompanhar a investida dos reis castelhanos sobre os ricos territórios andaluzes, na perspectiva de aí conseguir granjear riqueza. O que, apesar de tudo, vem a ter lugar. Além de receberem aí herdamentos, o sul torna-se um espaço importante para todos eles, proporcionando referenciais simbólicos que perduraram na memória colectiva.

Afonso Teles será reconhecido mais tarde, e assim inscrito nos Livro de Linhagens como “o que pobrou Albuquerque”⁶⁴. E, neste caso, tratar-se-ia de uma conquista que, surgindo na sequência das Navas, seria de suma importância para a memória familiar e elemento preponderante para a expansão da linhagem para o reino português, fornecendo mesmo a um dos seus ramos o nome pelo qual irá ficar conhecido –Albuquerque. O malogrado Telo Afonso, cuja morte foi cantada por Pedro da Ponte⁶⁵, deixou aos cronistas vários episódios das suas lutas contra os muçulmanos e o seu irmão, Afonso Teles, será chamado “de Córdova”, por ter sido, a par do primeiro, o primeiro defensor desta cidade após a sua conquista. Não deixa de ser curioso que estes nobres, cujos principais senhorios continuassem a ser os domínios na Tierra de Campos, ganhassem fama e projectassem no futuro uma memória associada principalmente à guerra nos campos meridionais.

Um último aspecto a focar, que não sendo exclusivo dos Teles encontra nestes um dos exemplos mais extraordinários, é o que se prende com a participação bastante activa da alta nobreza leonesa e castelhana na Reconquista. Contudo, em Portugal, a grande nobreza (designação que deverá ser observada com reticências quando comparada com a leonesa e castelhana) não parece participar com tanto afinco na mesma. A que se deve esta realidade? É uma questão pertinente e que deverá merecer alguma atenção, pois contribuirá para a compreensão da natureza do poder da nobreza do ocidente peninsular dos últimos séculos da Idade Média.

64. Cf. *Livro de Linhagens do Deão...*, 1A6 e 19X4 e *Livro de Linhagens...* título LVII.

65. Pedro da PONTE, “!Que mal s’este mundo guisou”, *Cancioneiro da Ajuda*, ed. crítica e comentada de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, 1º vol., Hidesheim – Nova Iorque, Georg Olms Verlag, 1980, pp. 902-903 [ed. fac-similada da ed. de Halle, Max Niemeyer, 1904].